

XADREZ

O Torneio de Mestres de 1944



Leonel Pias e João Mário Ribeiro

da modalidade, outros dando provas do seu valor — todos eles entusiastas e imbuídos pelo «fogo sagrado» da competição e do espírito desportivo. Nestas circunstâncias óbvio é sublinhar a reconfortante fase de progresso geral, e, em particular, a volta de consagrados amadores, como o dr. Mário Machado e João de Moura, ex-campeões nacionais, ou a participação de jogadores da província em torneios da capital.

Um dos factores que favoreceu o incontestável êxito da primeira grande prova da Federação de Xadrez foi indiscutivelmente o formidável «cartax» que pode constituir sempre um elenco formado por Carlos Pires, João de Moura, Drs. Mário Machado, Gabriel Ribeiro e Peter Braumann, João Mário Ribeiro, Gabriel Russel e Rui Nascimento e pelos novos Mestres Francisco Lupi e Leonel Pias. Essa «consagração» é realmente merecida.

Rui Nascimento e Gabriel Russel



Carlos Pires e dr. Gabriel Ribeiro

As carreiras de todos eles, umas já longas, outras curtas, estão repletas de inúmeros triunfos.

Antes de darmos começo aos comentários que oportunamente publicaremos sobre o «Torneio de Mestres de 1944», levámos a efeito, entre os dez jogadores concorrentes, um pequeno inquérito, versando um tema intencionalmente escolhido — e tivemos grande prazer em o ver compreendido e bem aceso por todos.

Qual o jogador estilista mais apreciado entre os xadrezistas nacionais?

O objectivo não foi necessariamente o de simples curiosidade; o seu alcance é mais profundo. A classe desses grandes mestres internacionais, como Alekhine, Capablanca, Lasker, Botvinnik, Keres e outros, é tão extraordinária e fascinante que podemos afirmar que representa uma verdadeira escola de estilística — e daí o valor das respostas obtidas, se analisarmos a influência deste ou daquele estilo no nosso meio xadrezista. A matéria, porém, é demasiado vasta e complexa para ser tratada sem prévio e aturado estudo.

Limitemo-nos, por hoje, a apresentar a idêia, reservando para melhor oportunidade aquele estudo mais amplo do problema. Eis os resultados do nosso inquérito — as primeiras impres-

A Comissão Permanente para o intercâmbio desportivo entre PORTUGAL e ESPANHA



A Imprensa diária publicou há dias a seguinte notícia:

«Com a aprovação superior, a Delegação Nacional de Desportos de Espanha e a Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar acordaram em criar uma Comissão Permanente de Relações, com o encargo de estudar os problemas relacionados com o intercâmbio desportivo entre os dois países e de apresentar sugestões no sentido de se intensificar essa aproximação.

A Comissão de Relações, que se reunirá alternadamente em Madrid e em Lisboa, é constituída pelos srs. Guillermo Hildebrand Uraín, chefe do Departamento das Federações Nacionais, como representante da D. N. D., e dr. José Salazar Carreira, Inspector de Desportos como representante da D. G. E. F. Será presidida, quando reunir em Espanha, pelo delegado nacional dos Desportos, e em Lisboa, pelo director geral de Educação Física.»

A primeira reunião efectuou-se em Lisboa, no dia 30 de Dezembro, e a segunda realizou-se em Madrid, em data a fixar.

D. Guillermo Hildebrand e dr. Salazar Carreira

Rui Nascimento inclina-se mais para o rival do cubano — Alekhine. O dinamismo dos jogadores novos, como Botvinnik e Keres, não o seduz. É que Alekhine... é Alekhine!

João de Moura revela-nos a sua muita admiração pelo falecido Mestre internacional Aaron Nimzovitch, dos mais eminentes precursores da escola moderna do jogo do Xadrez. Sabemos que Moura foi adepto de alguns sistemas de Abertura preconizados pelo inesquecível dinamurquês, nomeadamente a variante Nimzovitch do P. D., e a defesa Holandesa.

Como o dr. Mário Machado, Moura manifesta o seu apreço por Micael Botvinnik, jogador da moderna geração.

Com de Braumann — esperava-nos uma surpresa. O dinâmico xadrezista do G. X. L. prefere Capablanca a qualquer outro. Mas esclarece: «Admiro Capablanca, como estilista, pela sua convincente simplicidade de concepção».

Francisco Lupi opta abertamente por Botvinnik, o expoente máximo da moderna escola do Ataque. Julgamos que o jovem campeão de Lisboa se esforça por seguir na pegada do grande estrategista dos escaques — guardadas as distâncias, claro está...

Leonel Pias é grande admirador da classe de Alekhine; como estilista, porém, vai por Keres, o homem das combinações geniais e revolucionárias, que, segundo se crê, só vacila diante do campeão mundial.

João Mário Ribeiro, o jovem Mestre português, pronuncia-se também a favor de Alekhine. E não admite objecções!

VASCO C. SANTOS



Dr. Peter Braumann e o Gilvador do torneio, eng. R. Silva

ões que dêe colhemos:

O dr. Mário Machado confessa ter sido grande admirador do falecido campeão mundial dr. Emanuel Lasker, (1894-1921), extraordinário psicólogo, verdadeiro precursor da guerra de nervos... no tabuleiro!... Dos jogadores da actualidade, salienta Botvinnik, campeão russo.

Gabriel Russel admira Alekhine, o campeão do Mundo. Já o esperávamos. Lembremo-nos que Russel defrontou esse génio inconfundível do Xadrez, numa simultânea de 40 tabuleiros que Alekhine disputou quando da sua estadia em Lisboa, em 1940, tendo ambos acordado num empate, após 8 horas e meia de luta! Seriam 6 horas da madrugada (!) e ela era o único adversário que se opunha ainda com galhardia ao grande mestre!...

Carlos Pires prefere Keres — se bem que jogue habitualmente num estilo diferente do do talentoso campeão estoniano. Mas gostos não se discutem...

O dr. Gabriel Ribeiro opta por Capablanca. E diz-nos: «Apreceio sempre muito as combinações características de Capablanca. Em geral eram curtas e simples, mas profundas e bonitas».



Francisco Lupi, dr. M. Machado e João de Moura

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.^a tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta casa en-

O Torneio dos Mestres de 1944

Apontamentos e comentários

DESNECESSARIO é focar de novo a importância da repercussão suscitada pela realização do Torneio dos Mestres, que se reflectirá, sem dúvida, no progresso geral do xadrez desportivo. O êxito obtido é tanto mais apreciado quanto é certo que foi extensivo a todas as facetas da modalidade, especialmente àquela que mais importa desenvolver. Referimo-nos ao nível técnico do nosso xadrez.

A qualidade do jogo produzido foi, na generalidade, nitidamente superior a de qualquer outro ano. Praticou-se em elevada escala, e por quasi todos os concorrentes, o clássico jogo de posição, sendo os seus resultados muito animadores. O jogo aberto foi também bastante preferido, principalmente pelos xadrezistas portugueses, proporcionando algumas bonitas partidas, em que o ataque directo serviu de tema. Regular percentagem de partidas decidiram-se no final com resultados satisfatórios. A preparação «teórica» dos jogadores foi um pormenor que mereceu grande atenção nos meios especializados. A presença dos afamados teóricos dr. Mário Machado e Leonel Pias foi observada com justificado interesse, bem como os progressos, nesse campo do jovem português João Mário Ribeiro e de Francisco Lupi, campeão lisboeta.

O torneio foi renhidamente disputado. A luta dos estilos em presença foi digna de ver-se, pois as «forças» eram manifestamente equilibradas. A regular percentagem de empates e de vitórias duras atestam o nivelamento citado.

Está neste caso o sensacional triunfo de Francisco Lupi e do dr. Gabriel Ribeiro — vencedores «ex-aequo».

Eis a classificação final:

	V.	E.	D.	P.
1.º — Francisco Lupi.....	8	2	2	6
Dr. G. Ribeiro.....	4	4	1	6
3.º — João M. Ribeiro.....	4	2	3	5
Dr. M. Machado.....	3	4	2	5
2.º — Leonel Pias.....	4	1	4	4,5
6.º — João de Moura.....	3	2	4	4
Carlos Pires.....	3	2	4	4
Gabriel Russell.....	3	2	4	4
Dr. P. Braumann.....	4	1	5	4
10.º — Rui Nascimento.....	1	3	5	2,5

Francisco Lupi — a quem o sistema do desempate «Sounborn Berger» favorece — ganhou a taça oferecida pelo Mestre dr. António Maria

Pires, primitivamente instituído para o «match» extra-oficial A. M. Pires-F. Lupi, interrompido por doença do primeiro.

O excesso de provas em que participou na época finda obrigou Lupi a um esforço esgotante mas belo, só possível por um milagre de força de vontade. Tecnicamente, a sua actuação foi magnífica, ponderando todos os factores. Lupi poucas vezes recorreu ao seu velho estilo de ataque, preferindo o jogo posicional e tendo provavelmente em vista as responsabilidades da sua candidatura e o aperfeiçoamento das suas faculdades.

Gabriel Ribeiro, em excelente forma, proude de torneio para torneio. A solidez do seu jogo característico, firmado por concepção mais precisa e profunda, colocam-no com merecimento na vanguarda dos nossos campeões.

João Mário Ribeiro, dos mais jovens Mestres do Mundo, veio surpreender-nos com radical transformação do seu estilo, hoje essencialmente agressivo.

Na época passada o jogo do pequeno português caracterizava-se com a interessante nota de sôbria escola posicional. Nesta prova, porém, a tática adoptada foi puramente de ataque directo sem ou com primores técnicos, à semelhança do estilo do seu companheiro Leonel Pias.

Esta nova orientação básica parece coadunar-se com o temperamento dos dois jovens mestres portugueses, a avaliar pelo a vontade com que conduziram as partidas e pelos claros êxitos obtidos, alguns deles, mesmo, magníficos.

A posição ocupada na tabela da classificação pelo dr. Mário Machado pode considerar-se de relevo, atendendo à força homogênea do torneio. Incontestavelmente, o dr. Mário Machado mostrou possuir excepcionais recursos em to-

dos os capítulos da partida, sobretudo nas finais, onde a sua superioridade é flagrante.

Leonel Pires demonstrou esplêndidas qualidades, que, mais exploradas, vincarão a sua personalidade de jogador imaginativo de grandes recursos. É de crer que Pias evitou sempre que pôde o jogo posicional, dado que a indole da sua tática não se coaduna, por enquanto, com tal escola mesmo elementar. Não obstante, o seu valor não pode ser diminuído, pois no seu elemento — jogo aberto com probabilidades de combinação — é verdadeiramente temível.

Para o 6.º lugar empataram quatro jogadores — todos com 4 pontos.

João Moura jogou pela segunda vez desde o seu afastamento há 4 anos. O destreino foi evidente. Só nas últimas sessões conseguiu recuperar parte da sua antiga forma. A calma aparente das características do seu jogo desconcertou principalmente os dinâmicos xadrezistas do Norte, fazendo-lhes malograr todas as tentativas de ataque compreendidas.

Moura precisa mais contacto com o taboleiro — e generalizar e aperfeiçoar os conhecimentos da teoria, pois as suas faculdades deixaram antever boas possibilidades.

Carlos Pires, actual detentor do ceptro nacional, pouco mais fez do que confirmar a baixa de forma, que todos lamentam. A conhecida sobriedade do seu jogo deu agora lugar a extrema passividade, a que a miude reagiu. Pires teve no «relógio de controlo» mais um adversário a contar — e perigosíssimo, em face do incrível método de aproveitar o tempo regulamentar. Todas as suas partidas foram prejudicadas por falta de necessária ponderação nos últimos lances do «controlo», por excesso de reflexão nas primeiras jogadas. É certo que Carlos Pires demonstrou sempre o mais puro brio desportivo — preferindo participar na luta, que adivinhava dura e grandiosa, a ficar de fóra.

A infelicidade perseguiu Peter Braumann no começo e no final da prova, comprometendo a sua posição. Em ambas as vezes o relógio foi factor decisivo. E facto que Braumann se afasta cada vez mais do seu primeiro estilo. Ao jogo de combinação, tanto do agrado do jovem matemático no começo da sua carreira, prefere agora linhas mais sóbrias, dentro das boas normas da escola posicional. Esta transição, à semelhança do que aconteceu a Lupi na época passada, acarreta logicamente uma «crise», chamemos-lhe assim, cujos resultados finais são por ventura demorados. A insistência do treino metódico deve conseguir, em face das magníficas faculdades do Mestre, o bom êxito desta tentativa de aperfeiçoamento da classe.

Rui Nascimento não estava suficientemente preparado para uma prova desta natureza. Não obstante, o seu comportamento excedeu as mais optimistas esperanças. Os empates com os jogadores mais cotados do torneio são a prova cabal do seu real valor. O «ponto de honra» obteve-o na última sessão, numa memorável partida de 86 lances, que durou quasi dez horas (!), plena de precisão técnica, que honra ambos os contendores. Esta enorme partida, de grande responsabilidade, pois decidia a primeira classificação, foi considerada a melhor do torneio, pela mestria e elevada concepção de que deu provas o vencedor — por desconcertante e curiosa ironia, o último classificado. A classe evidenciada naquele soberbo final vale, só por si, a classificação de Mestre, por mérito!

De considerar o interesse que o xadrez está suscitando nas altas esferas do desporto nacional. As palavras do dr. Ayala Bôto, inspector da Direcção de Desportos, ao brindar pelos progressos do nosso xadrez, no final da sessão da última jornada, garantiu o apoio imprescindível do elevado organismo que representou.

VASCO C. SANTOS

CAMPISMO

As exposições de propaganda da MENSAGEM CAMPISTA

ESTAMOS em pleno inverno; mas enquanto o tempo tristonho de chuva não apouquentar, os campistas têm aproveitado os dias de sol de que temos beneficiado. Dias frios, é certo, mas claros e alegres, deixando ver o cume das montanhas e todos os motivos de paisagem que a vista alcança.

O campismo — belo e saudável desporto — pode considerar-se como modalidade que encontrou da parte de muita da gente portuguesa a compreensão dos seus benefícios. Pode dizer-se que já vão longe os tempos em que a passagem de um grupo de campistas dava motivo a olhares irónicos. O campismo está lançado, sobretudo no meio da gente nova. A primeira experiência de gozar a vida ao ar livre agradou-lhes e hoje a sua prática prossegue,

aumentando dia a dia o número de adeptos que marcham para os campos ao encontro de uma vida nova.

É vê-los regressar, alegres e de pulmões cheios de ar puro, pateando o enorme prazer de um ou mais dias em contacto saudável e despreocupado com os encantos da natureza. No entanto, a campanha continua. É preciso que muitos mais compreendam o que é isto do campismo. É necessário que o campismo se divulgue melhor, se popularize. E neste aspecto, a «mensagem campista» tem desenvolvido intensa e louvável actividade.

Enquanto a primavera não chegar, essa campanha continua com entusiasmo e boa orientação. Por agora, a propaganda está a ser levada a efeito nos clubes de desporto. Ideia acertada. Por meio de leves palestras, em que se contam episódios de acampamento e se divulgam as belezas da nossa terra, faz-se compreender o que é o ambiente simples e alegre dos campos, onde se encontra a verdadeira saúde e alegria de viver.

Efectuaram-se já duas exposições. No Atlético Clube de Almada e no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes».

As salas transformam-se, montam-se baracas de diversos tipos e todo o material necessário ao campista. Embelezam-se o conjunto com sugestivas fotografias e os galhardetes coloridos dos vários grupos campistas. A todos os jovens de Portugal, sejam estudantes ou operários, se têm dedicado estas exposições, que pretendem ser o incitamento para uma vida mais sã, para conseguir melhor e maior campismo em Portugal.

E qual é o intuito do jogador que, numa formação aberta, quando apanha a bola no solo ao alcance, lhe dá forte pontapé para diante, de encontro às pernas dos adversários e num sentido onde, com certeza, nenhum companheiro a pode aproveitar?

Foram excepcionais os ataques à mão, em que a linha de três-quartos foi bem lançada, porque a bola é quasi sempre mal transmitida, ao acaso em direcção e força, ou mal recebida por imperícia.

De modo geral, o grupo do Atlético deixou melhor impressão; melhor adestrados alguns dos seus elementos jovens, não nos admirará que a equipa conserve o seu título de campeão regional.

JOSE DE EÇA

A assistência aos jogadores vítimas de acidentes

Um acontecimento raro e outro inédito

A assistência material aos pugilistas doentes e estropiados, vítimas infelizes do desporto do boxe, é um dos muitos problemas que devem ser ponderados e resolvidos de modo satisfatório pelo organismo que superintende na modalidade.

Sem profundar o assunto e apenas segundo uma rápida análise do mesmo, parece-nos possível a criação de uma Caixa de Previdência, de que todos os profissionais seriam obrigatoriamente sócios e para a qual concorreriam com determinada importância mensal. Além de outras receitas a criar, julgamos viável a realização de um espectáculo todos os anos e cujo produto pecuniário, integral, se destinasse ao fundo de assistência.

Poucos países têm encarado a questão com a grandeza de ânimo necessária e indispensável. Nos Estados Unidos, embora ainda em poucas regiões, encontram-se funcionando já alguns organismos de amparo aos pugilistas e que lhes prestam auxílio, quer internando-os em hospitais e sanatórios, quer subvencionando-os durante os períodos de tratamento, quer proporcionando-lhes assistência médica gratuita, quer, ainda, empregando-os em estabelecimentos industriais ou comerciais quando devam abandonar a profissão por desastre ocorrido no ring.

A «Liga para o Bem-estar dos Lutadores e dos Pugilistas Californianos» é dos tais organismos, espécie de sindicato dos jogadores da famosa costa oriental dos Estados Unidos. Publicou há pouco tempo o seu último boletim financeiro anual, referido a 1943, e achamo-lo interessante e apreciável a ponto de transcrevermos alguns dados estatísticos que nele se contém.

Assim, verifica-se que houve 110 sócios acidentalmente ofendidos na sua integridade física, os quais recorreram à Liga que, por sua vez, despendeu 3.037 dólares no auxílio

aos filiados. Como o número total é de 139 associados — reduzidíssimo para tão importante estado americano — verifica-se que 79 por cento dos mesmos precisaram conserto, o que dá uma ideia assaz perfeita do «carinho» e do «calor» das competições.

Os mais importantes acidentes foram: Lutadores — 5 casos de dentes quebrados; 2 de vértebras ofendidas; 4 de pescoços torcidos; e 1 de ferimento infectado. Pugilistas: 13 casos de narizes fracturados; 17 de mãos quebradas; 3 de maxilares partidos; 2 de retinas descoladas; e 1 de morte (despesas do funeral).

Resta-nos mencionar que a quotização é de 1 dólar mensal e que todos os serviços de secretaria e gerência da Liga estão a cargo dos associados, sem qualquer remuneração. O principal rendimento consiste no pagamento de uma taxa fixa de 2%, aplicada nas «bolsas» recebidas pelos seus membros.

*

O acontecimento que vamos relatar sucede raras vezes e, por isso, vale a pena mencioná-lo.

Em meados do ano findo, cerca de 3.500 espectadores que assistiam, no Victory Clube de Milwaukee, ao encontro entre Fritz Zivic, ex-campeão mundial dos meio-médios, e Johnny Roszina, pugilista da região, presenciaram a queda do seu patricio após decorridos 2 minutos e 45 segundos do primeiro assalto

A decepção por tão brusco resultado foi enorme e o secretário da Wisconsin Boxing Commission, o sr. Fred Saddy, resolveu fazer um pedido excepcional: o de Zivic voltar a combater o mesmo adversário a seguir, logo que as condições físicas lho permitissem, afim de que a assistência não lamentasse a perda do seu dinheiro. Zivic condescendeu e Roszina, durante o 8.º assalto da repetição, era abatido por K-O pela segunda vez.

Não podemos, por forma alguma, concordar com o processo de recompensar os espectadores que se adoptou naquela noite no Victory Club de Milwaukee. Admitimos, porém, que Zivic combatesse com outro qualquer adversário arranjado na ocasião. Com o mesmo, o que além de anti-desportivo é contrário aos princípios que pretendem garantir a integridade física dos boxeadores, jamais consentiríamos, ainda que só houvessem decorrido — como neste exemplo — escassos minutos de combate.

A imprensa dos Estados Unidos foi a primeira a registar o maior espanto pela acontecimento e a mostrar-se indignada.

E tinha motivos de sobejo.

*

Outro incidente curioso ocorreu durante a pesagem de dois pugilistas negros: Beau Jack, reconhecido pelo Estado de Nova York como campeão dos «leves», e Bob Montgomery, pretendente ao título.

O contrato estipulava que a pesagem devia efectuar-se no Manhattan Madison Square Garden e que nenhum dos dois jogadores podia pesar além de 135 libras. Bob reduziu as bebidas e as comidas ao mínimo e no próprio dia jejuou. Ao subir para a plataforma da balança verificou-se, porém, que tinha ainda peso a mais: uma fracção insignificante e inferior à menor divisão da escala do braço da mesma balança, portanto indeterminável.

O manager de Beau Jack aproveitou-se do facto e recusou-se a deixar combater o seu homem, a menos que não estivesse em jogo o precioso título. Esta circunstância, além de retirar ao encontro o seu sabor desportivo e espectacular, não convinha de nenhum modo a Bob Montgomery. Apeliou-se, então, para o concurso de um funcionário do Departamento Estadual de Pesos e Medidas, afim de julgar o litígio. O seu veredicto foi claro e breve: o desnível insignificante entre o braço e o travessão da balança devia atribuir-se à variação de pressão atmosférica dentro da sala da pesagem, consequência do número elevado de pessoas que estavam presentes...

Nem com tais razões se comoveu o astuto manager de Beau Jack. O combate não seria para a disputa do título. Foi então que se produziu o golpe de teatro final. Montgomery

(Continua na página 15)

Ainda o TORNEIO DE MESTRES DE 1944

Como decorreram os jogos do primeiro terço da prova

NO prosseguimento da apreciação ao Torneio de Mestres, iniciamos o relato e comentários técnicos das partidas disputadas, pretendendo dar a esta resenha uma ideia quanto possível clara do que foram essas grandes lutas do tabuleiro.

Primeira sessão

0 - Dr. P. Braumann — dr. M. Machado - 1. Abertura Nimzowitch. Depois de ligeiras escaramuças no centro, e com a posição aparentemente empatativa, as brancas excedem o limite do tempo regulamentar no 34.º lance.

1 - J. M. Ribeiro — C. Pires - 0. P. R. - Def. Siciliana - Var. Draconika — O impetuoso ataque branco, à «baioneta», na ala do Rei, destrói o sistema defensivo das pretas e ameaça inoxidavelmente a pregação da Dama, após a inútil fuga do monarca negro. Este é derrubado no 28.º lance.

1/2 - F. Lupi — R. Nascimento - 1/2. Abertura Catalã - def. Oeste indiana — Numa evolução interessante, as brancas perdem a Dama por Torre e Cavalos, mas o forte ataque, logo empreendido, garantiu-lhes o empate. Acórdio no 37.º lance.

0 - L. Pias — dr. G. Ribeiro - 1. G. D. - Def. Eslava - Var. Schlechter — As pretas, tendo evidenciado elevada concepção posicional em toda a partida, concluíram brilhantemente com elegante combinação. Abandono das brancas no 28.º lance.

0 - J. Moura — G. Russel - 1. O. R. - Defesa Caro-Kann - Var. Panoff — As brancas, após a perda infeliz da qualidade, lançam-se abertamente ao ataque, que chegou a tornar-se perigoso, mas sem resultados finais apreciáveis. Abandono das brancas no 55.º lance.

Segunda sessão

1 - Dr. Machado — G. Russel - 0. G. D. - Defesa Cambridge Springs — As pretas arriscaram-se a ganhar alguns peões abandonados fora da zona de perigo, permitindo que as

brancas desenvolvessem forte ataque sobre o Rei, que oportuno sacrifício da qualidade colocou a descoberto. As pretas abandonaram no 40.º lance.

1/2 - dr. Ribeiro — J. Moura - 1/2. P. R. - Defesa Francesa — Jogo pouco eficiente de ambas as partes contendoras. A partida simplificou-se aos poucos, até ao empatativo Final de Torres. Empatada no 47.º lance.

1/2 - R. Nascimento — L. Pias - 1/2. C. R. - Partida Zuckertort (irregular) — Interessantes escaramuças, baseadas no domínio das grandes diagonais al-h8 e cl-h6, não conseguiram forçar o equilíbrio, que não obstante a ligeira vantagem obtida depois pelas brancas subsistiu praticamente até o fim. Empatada no 62.º lance.

0 - C. Pires (F. Lupi - 1). P. D. - Defesa Holandesa — A boa disposição das peças negras explica a espontaneidade do ataque que Lupi conduziu no seu estilo característico. As brancas desistem no 30.º lance.

0 - Dr. Braumann — J. M. Ribeiro - 1. P. R. - Partida Ponziani — Apertadas pelo «controle», as brancas criaram fraquezas no roque, que prontamente foi submetido a decisiva pressão. As brancas esgotaram o tempo de reflexão regulamentar ao 30.º lance.

Terceira sessão

1/2 - J. M. Ribeiro — dr. Machado - 1/2. As pretas suportaram magnificamente o período de ascendente posicional das brancas, forçando um final difícil, onde a classe do Mestre lisboeta ficou de sobejo comprovada. Empate declarado no 55.º lance.

1 - F. Lupi — dr. Braumann - 0. P. D. Sistema Botvinnik — A má colocação da Dama preta, numa posição problemática, acarretou o malogro da combinação de Braumann para salvar uma peça. Desistência no 28.º lance.

1 - Leonel Pias — Carlos Pires - 0. G. D. - Defesa Marshall — As brancas aproveitaram com mestria a fraca abertura das pretas, que cedo sucumbiram ante a envergadura do pode-

roso ataque, desenvolvido primeiramente na ala do Rei e depois generalizado por todo tabuleiro. Abandono das pretas no 30.º lance.

1 - J. Moura — R. Nascimento - 0. P. R. - Gambito Vienense — Característica fase de movimentado jogo aberto antecedeu a série de trocas que deu a Moura a vantagem material, com que forçou o ganho. Abandono das pretas no 30.º lance.

0 - G. Russel — Dr. G. Ribeiro - 1. G. D. - Defesa Eslava - Var. Schlechter — As brancas não souberam aproveitar um erro das pretas, que permitia grave ameaça de mate, vindo a perder ingloriamente depois de luta longa e improficua. Abandono destas no 54.º lance.

Posição no fim do primeiro terço da prova: 1.º - Dr. Machado, J. M. Ribeiro, G. Russel e F. Lupi, 2,5; 5.º - Pias e Moura, 1,5; 7.º - Nascimento e Russel; 9.º Carlos Pias e P. Braumann.

VASCO C. SANTOS